

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ISADORA GUERRA SERRA NETTO

Ideologia, liberdade e prática política no discurso da torcida organizada:
Os Gaviões da Fiel e a auto-representação de uma nova *forma de torcer* (1969-1977).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Luiz Schneider
Co-orientador: Prof. Dr. José Paulo Florenzano

São Paulo
2023

Pelo Corinthians, com muito amor, até o fim.

Agradecimentos

À minha mãe, baiana arretada, que como tantos outros nordestinos, foi muito bem acolhida pela torcida Corinthians em São Paulo. Obrigada pelas raízes.

Ao meu pai, rival no futebol, parceiro para todo o resto. Obrigada por me ensinar a levar a vida “na esportiva”.

Ao meu irmão, igualmente inimigo de torcida, mas inabalável companheiro de obsessão. Obrigada por me entender como ninguém.

Aos meus avós, aos quais vivo pra trazer orgulho. Obrigada por torcerem por mim.

Ao querido Plínio Negreiros, meu amigo e eterno professor de História, a quem devo a paixão pela profissão que escolhi. Obrigada pela ajuda valiosa.

Ao professor José Paulo Florenzano, grande referência que abraçou a ideia da pesquisa desde o início. Obrigada pela paciência.

Ao professor Alberto Schneider, parceiro de longa-data. Obrigada pela ajuda de sempre e por confiar em mim em mais uma.

Ao Everthon e a todos os companheiros do Acervo Tia Geni que possibilitaram que essa pesquisa fosse feita. Obrigada por seguirem juntos nesse trabalho tão importante.

A todos os meus parceiros e parceiras de vida e arquibancada, que me ensinam todos os dias que nunca foi só sobre futebol. Obrigada pela amizade e troca sincera.

Ao Grêmio Gaviões da Fiel Torcida, ao qual faço parte com muito orgulho. Obrigada pelo passado e presente de luta.

IDEOLOGIA, LIBERDADE E PRÁTICA POLÍTICA NO DISCURSO DA TORCIDA ORGANIZADA: OS GAVIÕES DA FIEL E A AUTO-REPRESENTAÇÃO DE UMA NOVA FORMA DE TORCER (1969-1977)

ISADORA GUERRA SERRA NETTO¹

RESUMO: A partir de uma reconstituição histórica das condições que permitiram o surgimento das torcidas organizadas em São Paulo, o presente trabalho busca analisar o conjunto de práticas políticas desenvolvido pelo Grêmio Gaviões da Fiel Torcida em seus primeiros anos de existência, desde 1969. Diante do fenômeno moderno do *futebol-espetáculo*, com seu início em meados de 1970, em plena Ditadura Civil Militar, o surgimento de novas agremiações de torcedores intensificou o debate entre a opinião pública, no qual a imprensa assumiu um papel de suma importância na configuração de uma nova forma de *torcer*. Em meio a essa disputa de significações, os Gaviões da Fiel, torcida que se auto declarava *independente* desde sua fundação, constituiu-se enquanto referência de atuação política no meio do futebol - e posteriormente, para além dele. Dentre as práticas políticas desenvolvidas pela agremiação, nota-se a elaboração em 1977 de um jornal independente, intitulado *O Gavião*, que serviria de instrumento para construção de um discurso sobre si. Assim, a presente pesquisa busca estudar a auto-representação da nova forma de *torcer* através do discurso oficial da torcida, tomando como fonte primária as primeiras edições (n.2, n.3 e n.4) de 1977 do jornal.

Palavras-chave: futebol-espetáculo, torcidas organizadas, Gaviões da Fiel.

¹ Formada em História-Bacharelado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP. Graduanda do curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ SP. Mestranda no Programa de Pós-graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP. serranettoisadora@gmail.com. RA: 00194761.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.1
A TORCIDA	p.3
Grêmio Gaviões da Fiel Torcida	p.3
Força Independente em prol do Corinthians	p.5
As eleições de 1971	p.6
<i>O futebol-espetáculo</i>	p.8
O movimento de torcidas organizadas: uma nova forma de fazer política	p.9
O JORNAL	p.12
As origens do jornal	p.13
<i>Painel dos Gaviões: a transmissão de regras e valores no jornal</i>	p.16
<i>De corinthiano para corinthiano: as contribuições dos leitores e fortalecimento do senso de comunidade</i>	p.17
<i>Corinthians com H: resgate da memória</i>	p.18
Críticas e denúncias nos editoriais	p.21
<i>O esporte é pra fazer amigo: o combate à violência nos estádios</i>	p.23
<i>Contribuições ao futebol: a criação da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)</i>	p.25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.26
ANEXOS	p. 29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 31

INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade da década de 70, já era impossível falar do Corinthians sem falar dos Gaviões da Fiel. O contrário também poderia ser dito, uma vez que já se tratava da maior torcida organizada do clube - e de todos os outros. Reputado pelo caráter popular desde sua origem, é justo dizer que o Sport Club Corinthians Paulista tem em sua torcida um dos elementos mais fundamentais para a conformação de sua identidade, marcada pelo apoio incondicional, acompanhado de um sofrimento permanente. O processo de construção dessa reputação corinthiana - o ideário do *corinthiano*, *maloqueiro*² e *sofredor* - entretanto, tem como um de seus maiores responsáveis a ação das torcidas organizadas (T.Os), especialmente, a maior e mais antiga delas: O Grêmio Gaviões da Fiel Torcida. Fundado oficialmente em 1969, permanece, 54 anos depois, como principal porta-voz da torcida corinthiana e expoente de atuação política diante das tomadas de decisão e dos rumos tomados pelo clube.

No esteio da reflexão sobre a formação da identidade do torcedor e o desenvolvimento das formas e sentidos do *torcer*, discutir a lógica das torcidas organizadas constitui um passo fundamental para compreensão desse fenômeno. Nesse sentido, o estudo da conformação de uma maneira de *torcer* essencialmente *corinthiana*, perpassa necessariamente o reconhecimento do Grêmio Gaviões da Fiel enquanto ator fundamental nesse processo, principalmente através da relação que estabelece não somente com o associado, mas com o torcedor corinthiano no geral. Surgida em meio ao contexto da Ditadura Militar, quase 60 anos após a fundação do Corinthians, nasce com um intuito de fiscalizar e defender a honra do time - e de sua torcida - frente às atitudes perniciosas de seus dirigentes. Proclama-se independente perante à direção do clube, tomando para si o papel de representante do torcedor. Consolida-se ainda na década de 70 enquanto referência no meio, conhecida por ser engajada na tomada de decisões dos clubes, chamando atenção pela intensa prática política que sustentava o seu ideal maior de independência - e somente por ele viabilizada.

O final dos anos 60 e o início da década seguinte, período em que se fundaram as principais torcidas organizadas³ do estado de São Paulo, fundamentou as bases para

² Termo (não pejorativo) usado nas T.Os para se referir aos jovens torcedores organizados, majoritariamente da periferia da cidade de São Paulo.

³ Nota-se a fundação da Torcida Jovem do Santos (1969), a Torcida Jovem da Ponte Preta (1969) Torcida Independente do São Paulo (1972) e a Torcida Uniformizada do Palmeiras (1970) - que em 1983 geraria o racha de fundação da Mancha Verde.

constituição do fenômeno moderno do *futebol-espetáculo*⁴. A presença maior nos estádios e a postura de fanatismo vista nas arquibancadas tornou-se pauta do debate crescente entre a opinião pública acerca da nova figura do torcedor. O surgimento sucessivo de agremiações tornou a realidade do futebol cada vez mais distante da idealizada pelos veículos de imprensa, que passaram a noticiar e opinar cada vez mais, principalmente no que dizia respeito ao aumento dos casos de violência no futebol paulista⁵. O que se nota nesse período, portanto, é o início tímido de um movimento que culminaria, nos anos 80, em uma associação direta entre o torcedor organizado e o *marginal*⁶, discurso veiculado e reafirmado pelos principais canais midiáticos, especialmente os periódicos, que passaram a centralizar as discussões do universo do futebol⁷.

Logo nos primeiros anos de existência, os Gaviões da Fiel foram alvo de críticas a respeito da sua prática dentro e fora dos estádios. A inadequação das T.Os aos moldes do torcedor passivo não se deu somente diante do real envolvimento dos associados em brigas e confusões. O que se observa, é que a *forma de torcer* desenvolvida pelos Gaviões da Fiel estaria, desde sua fundação, em discordância com a expectativa que tinha a opinião pública. A recusa em estabelecer uma relação de submissão para com o clube permitiu que os associados desenvolvessem um conjunto de práticas, já na década de 70, que marcariam a tradição das torcidas organizadas e fariam da experiência corinthiana um modelo a ser seguido para além do estado de São Paulo (CANALE, 2017, p. 2).

Dentre o vasto leque de práticas políticas desenvolvidas pelos Gaviões - também como forma de desvincular sua imagem da noção pejorativa concebida pelos demais meios de comunicação - há uma em especial que chama a atenção: a criação em 1977⁸ do jornal *O Gavião*, distribuído gratuitamente na recém inaugurada sede do Bom Retiro. Ainda que fosse voltado primordialmente ao associado do grêmio, servindo inclusive como importante ferramenta de organização interna, tinha como público leitor geral toda a torcida corinthiana - e a ela também se endereçava. Através de editoriais e artigos de opinião, matérias e

⁴ O conceito, que será abordado mais à frente no presente trabalho, parte das referências de Reis (1999), Florenzano (2005) e Hollanda (2016) para caracterizar a fase mercadológica do futebol vivida no século XX.

⁵ Sobre a maneira com que a mídia esportiva trata a questão da violência no futebol, faz-se necessário ressaltar a obra *A violência e o futebol dos estudos clássicos aos dias de hoje* (MURAD, 2007).

⁶ Sobre a associação do torcedor organizado à imagem de marginal, nota-se a obra *Torcidas Organizadas paulistas na virada dos anos 70/80* (PERINA, 2022).

⁷ Nota-se a tese de Doutorado de Vitor Canale (2020) que analisa artigos da Folha de SP que ilustram a construção dessa associação entre o torcedor e o marginal através de uma responsabilização unilateral dos torcedores organizados.

⁸(GOMES; MARTINS, 2014).

reportagens, cumpria o papel de reforçar os princípios da agremiação internamente, mas também inseria-se de maneira significativa na disputa com a opinião pública.

O presente artigo tem por objetivo discutir as práticas políticas desenvolvidas pelos Gaviões da Fiel na segunda metade da década de 70 e a maneira com que foram retratadas em seu discurso oficial. Partindo da compreensão do periódico enquanto importante ferramenta dessa *forma de torcer* a ser estudada, propõe-se a análise das primeiras edições do jornal *O Gavião*, lançadas no ano de 1977, utilizadas como fonte primária. Para que se realize uma pesquisa documental com devido rigor metodológico, faz-se necessária a reconstituição histórica das condições que permitem a produção do jornal e também suas intencionalidades, compreendendo seu caráter dinâmico de produtor da realidade, para além de produto da mesma.

No que diz respeito ao estudo da dinâmica de funcionamento e do conjunto de práticas desenvolvidas pelas T.Os, o estudo do jornal oficial dos Gaviões da Fiel pretende aprofundar a análise da conjuntura do surgimento das torcidas organizadas, ampliando o corpo documental da pesquisa e possibilitando diálogo com outras práticas sociais do período. Assumindo o caráter ativo de interação da imprensa na correlação de forças, na qual ocupa um espaço privilegiado de poder e mobilização da opinião pública (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 267), a escolha de uma publicação periódica independente como fonte da pesquisa permite compreender sob uma nova ótica a disputa de constituição da identidade do torcedor, na qual a torcida organizada passa a ser, de fato, um sujeito⁹.

A TORCIDA

Grêmio Gaviões da Fiel Torcida

Seja ainda mais corintiano, seja um gavião.
(Jornal *O Gavião*. Edição n.2 de 1977¹⁰)

Em dezembro de 1968, o então Presidente da República Marechal Arthur da Costa e Silva promulgava o Ato Institucional nº5 (AI-5), suspendendo garantias constitucionais e extinguindo oficialmente as poucas liberdades democráticas que haviam sobrado desde 1964, quando instaurou-se a Ditadura Civil Militar no Brasil. O documento estabelecia medidas ainda mais autoritárias, tais como a perseguição, prisão política e censura dos meios de

⁹ “Nesse caso, são aspectos da cultura popular os periódicos feitos por grupos ou classes que, apesar da padronização de culturas e modos de vida, querem na contracorrente das culturas e viveres dominantes, expressar seus próprios anseios com sua própria linguagem, e, desse modo se constituem como *sujeitos*.” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 269)

¹⁰ Ver FIGURA 5.

comunicação, sendo uma resposta clara e objetiva às crescentes manifestações de insatisfação e resistência popular.¹¹

No mesmo ano de 1968, o Corinthians vivia um pequeno respiro ao quebrar o tabu¹² e vencer o Santos em uma partida do Campeonato Paulista - competição na qual terminaria colocado em 4º lugar. O elenco corinthiano caminhava para o 15º ano sem conquistar qualquer título - período que se estenderia por outros duros 9 anos -, levando a torcida a um verdadeiro teste de resistência. À frente da péssima campanha do time estava Wadih Helu, que havia assumido a presidência do clube já há mais de 7 anos. Além das reeleições duvidosas que lhe mantinham no poder, tratava-se de um apoiador ferrenho do regime que assumiria, inclusive, o mandato de deputado pela ARENA¹³ em 1970. Desde 1965, delineava-se um movimento de pressão, ainda que difuso, fruto da insatisfação crescente dos corinthianos, cada vez mais comprometidos com a deposição da então gestão.

É justamente nesse contexto que as reuniões frequentes de um grupo de amigos na Alameda Santos para discutir a situação crítica do seu clube se transformaram num movimento cada vez mais organizado, que culminaria na fundação da maior torcida organizada do mundo. Em 1º de agosto de 1969 realizava-se na casa do jornalista Chico Malfitani, o encontro que marcaria oficialmente a fundação da Gaviões da Fiel¹⁴. Na presença de figuras eternizadas na história do grêmio, como Flávio de la Selva, Joca e Vila Maria, passou-se a organizar um grupo ainda maior de jovens que tinham em comum o fato de serem corinthianos, assíduos aos jogos e estarem inconformados com a situação de seca da equipe do Parque São Jorge (CANALE, 2017, p. 4). Nascidos sob o signo da diversidade¹⁵, os Gaviões da Fiel reuniram uma quantidade cada vez maior de jovens de diferentes classes sociais, majoritariamente populares, que, segundo Malfitani, sentiam-se seguros e ouvidos na sua prática constante de paixão e dedicação ao Corinthians.¹⁶

¹¹ Nota-se que o ano tinha sido marcado por grandes eventos que revelavam crescente efervescência política dos setores sociais em defesa das liberdades democráticas, como o movimento massivo de Maio de 68 nas universidades, a realização da Passeata dos Cem Mil e o roubo do Trem Pagador - ação da Aliança Nacional Libertadora (ALN), fundada no ano anterior, com intuito de financiar a luta armada.

¹² Dentre os vários tabus que vivia o Corinthians neste período, trata-se, nesse caso específico, dos 11 anos de jejum de vitórias em cima do Santos em jogos válidos pelo Campeonato Paulista. O jejum de títulos permaneceria até 1977.

¹³ Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido apoiador da Ditadura Militar.

¹⁴ Importante lembrar que o evento de fundação dos Gaviões da Fiel, segundo Canale, sofre constante processo de interpretação, adaptação e ressignificação (CANALE, 2017).

¹⁵ Canale ressalta em seu trabalho sobre a fundação dos Gaviões da Fiel um trecho do discurso de Chico Malfitani ao projeto Territórios do Torcer: " Isso no primeiro momento teve uma presença de dois ou três de estudantes, o Flávio que era estudante de Direito, acho que morava no centro da cidade. Mas isso foi logo tomado, o povo tomou conta, entendeu? Isso é muito importante. E até hoje é o povo. (CANALE, 2020, p. 4)

¹⁶ *Ali é onde ele é alguém, ele se sente seguro, onde sua voz é ouvida, e como o Corinthians é importante para a vida dele, como paixão.* (apud HOLLANDA; FLORENZANO, 2019).

Força Independente em prol do Corinthians

Nós somos os Gaviões da Fiel...Força independente em prol do grande Corinthians
(Flávio La Selva – sócio nº. 1 dos Gaviões da Fiel¹⁷)

Ainda em sua origem já nos anos 60, até os dias de hoje, quando ultrapassa os 100 mil associados¹⁸ e milhares de pessoas lotam a arquibancada da Arena Itaquera vestindo a camisa oficial, os Gaviões da Fiel identificam-se enquanto uma torcida autônoma e independente que assume a responsabilidade de fiscalização das atividades do clube e preservação da tradição do torcedor. Apesar de ter estabelecido diálogos e relações distintas com as personalidades que dirigiram o clube ao longo das décadas, os Gaviões da Fiel mantiveram em seu discurso a defesa do princípio da autonomia em todas as possíveis conjunturas, ainda que por vezes não estivessem atuando de fato enquanto oposição. A postura auto suficiente, entretanto, não impedia que o grêmio negociasse frequentemente suas pautas com os demais agentes do futebol, garantindo sua existência e permanente atuação.

Parte-se, portanto, da ideia de que a dependência da torcida pelo clube é capaz de gerar um sistema de controle que inibe a participação política ativa da primeira parte (CANALE, 2020, p. 35). Nesse sentido, o caráter preservado de independência dos Gaviões frente a diretoria do Corinthians teria possibilitado uma participação ainda maior da agremiação nos assuntos políticos do mundo do futebol e, mais do que isso, para além dele também. Em meio a um cenário de surgimento e popularização das T.Os, pode-se dizer que os Gaviões da Fiel conduziram um processo precursor de mobilização e atuação política no universo das torcidas. Nascido a partir do anseio da contestação, o grêmio fez questão de manter-se atrelado a esse princípio, ainda que nunca desprendido de suas contradições, moldando uma forma de ação política considerada não convencional, mas que se tornaria modelo de experiência na temática do *torcer*, que tomava centralidade na sociedade brasileira.

A relação simbiótica com características de dependência existente entre time e torcida foi colocada em cheque desde a fundação oficial do Grêmio em 1969: “*Força Independente em prol do Corinthians*”¹⁹. O nome oficial, depois de agregado o subtítulo no ano de 1971, traria ainda mais destaque a condição de autossuficiência que ali se impunha. Respeitando

¹⁷Disponível em: <https://gavioes.com.br/ideologia.php>. Acesso em: 10 out. 2023.

¹⁸ Jornal O Gavião. São Paulo: Gaviões da Fiel, edição de junho/julho de 2014. (Acervo Tia Geni)

¹⁹ *O Força Independente, segundo Julião, foi acrescentado por Flávio la Selva, para enfatizar a independência do grupo de torcedores das influências dos dirigentes do clube, simbolizando assim o seu caráter fiscalizador.* (Disponível em: <https://acervogavioes.wordpress.com/2023/03/23/a-origem-do-nome-gavioes-da-fiel/>. Acesso em: 10 out. 2023.)

sua dimensão profundamente simbólica, a escolha do animal-símbolo é outro elemento a ser considerado quando se pensa na fundamentação do objetivo geral da torcida e de suas características básicas. Por ser uma ave de rapina, o gavião é um predador que não possui predadores naturais, incapaz de ser preso em cativeiro. Representativo da astúcia, o animal acaba por traduzir os valores da força e liberdade que a torcida carrega como pilares de sua existência.

As eleições de 1971

Já nos primeiros anos de sua existência, a mais nova torcida organizada corinthiana chamava a atenção no meio futebolístico não somente pela grande festa que fazia nas arquibancadas do Parque São Jorge, mas principalmente com o envolvimento que fazia questão de ter na política interna do clube. As eleições de 1971 para presidente do Corinthians foram a primeira demonstração de que os Gaviões da Fiel estavam realmente comprometidos a seguir seu propósito maior de fiscalização do time, uma vez que já se colocavam como representantes dos reais interesses dos torcedores, profundamente descontentes com a interminável gestão.

A chapa de oposição, liderada por Miguel Martinez e Vicente Matheus²⁰ não perdeu tempo em propor uma aliança ao então presidente da Gaviões da Fiel, Flávio de la Selva, que impôs como condição a defesa do fim da reeleição no estatuto, almejando impedir que episódios despóticos como o de Helu se repetissem. Em busca de, ao menos garantir a alternância de poder frente ao cenário de crise, os Gaviões da Fiel apoiaram a chapa de oposição intitulada *Revolução Corinthiana*, que rapidamente confirmaria seu falso caráter de vanguarda, acabando por dar continuidade à dinâmica pré-existente. Ainda que possa ser considerada restrita ou reformista, a ação política do grêmio no evento da eleição de Martinez seguia as possibilidades abertas pela estrutura corinthiana (CANALE, 2017, p. 10), vislumbrando na deposição do considerado “ditador” do clube a mínima possibilidade de mudança, qualquer que fosse²¹.

Em poucos meses o cenário político corinthiano virou ao avesso para os Gaviões da Fiel, que teriam de abandonar a oposição a partir da vitória nas eleições. O que não se sabia ainda, era que a nova gestão já tinha planos estratégicos traçados no que dizia respeito ao apoio da T.O, idealizando uma oficialização da torcida dentro do Parque São Jorge. Em troca

²⁰ Que já havia sido presidente do Corinthians em 1959.

²¹ “Os Gaviões da Fiel que se colocavam contra o continuísmo, contra as práticas políticas caras aos setores mais reacionários da sociedade brasileira dentro do Corinthians representados pelo modo personalista e anti-democrático de dirigir o clube de Helu, e pelo fim da fila viram na aliança com Martinez e Matheus a chance de promover mudanças na estrutura do clube.” (CANALE, 2017, p. 8)

de uma série de privilégios oferecidos aos associados, que contariam com apoio financeiro do clube, a institucionalização da torcida significaria um verdadeiro apassivamento da força política que havia despontado a partir da campanha de oposição a Wadih Helu. Segundo Canale, a escolha posta era entre as diversas benesses oferecidas pela diretoria corintiana ou a liberdade e a autonomia do movimento de torcedores (CANALE, 2017, p. 10).

O objetivo de Miguel Martinez como presidente corintiano era trazer a torcida organizada para dentro do Parque São Jorge, tornando-os a torcida oficial do Corinthians. A tentativa era que com essa adoção institucional o potencial contestador e reivindicativo da torcida fosse atenuado ou até suprimido. O expediente usado pelo novo presidente prometia recompensas significativas para aqueles que aderissem à oportunidade de transformarem-se em representantes do clube, todas as necessidades dos torcedores seriam arcadas pela diretoria. (CANALE, 2017, p. 10)

Ao negar a proposta de oficialização da torcida, os Gaviões da Fiel assumiram novamente a oposição à diretoria do clube. O oferecimento de benesses²², tais como instrumentos para a bateria, uniformes, ingressos, passagens e condução grátis (CÉSAR, 1981, p. 58), é defendido até hoje como o possível motivo do racha que teria originado a Camisa 12²³. Vila Maria, então associado dos Gaviões, teria aceitado a negociação com Martinez e fundado uma nova torcida, deixando o grêmio com uma quantidade ínfima de associados.²⁴ De acordo com o depoimento de Flávio de la Selva, trataria-se de um racha entre a cúpula e a parcela do “povão”²⁵, que teria sido seduzida pelas ofertas e que aparentava não ter consciência da importância da manutenção do princípio da autonomia. Segundo Canale (2017), a partir da fundação da Camisa 12, além de todos os privilégios oferecidos, a nova diretoria do Corinthians, garantia para si a subserviência dos membros da nova torcida em relação à direção corintiana (CANALE, 2017, p. 12). A cúpula dos Gaviões, que teria se mantido fiel ao objetivo inicial de prezar pela independência da agremiação frente ao clube, sofreria nos anos seguintes uma baixa significativa de força, ao passo que vê na nova torcida um novo inimigo, dessa vez muito mais próximo.

²² “Qual foi nossa surpresa, que passou uns dias da eleição do Martinez, o Martinez chamou os garotos mais novos do nosso grupo, disse ‘vamos fazer o seguinte, acaba com esse negócio de Gaviões da Fiel, força independente, vamos formar uma Camisa 12, aí o clube fornece para vocês os ingressos, os ônibus, faz as camisas’ ” (CÉSAR, 1981 apud CANALE, 2017, p. 12)

²³ Bem como a fundação dos Gaviões da Fiel, o racha de fundação da Camisa 12 conta com uma multiplicidade de narrativas, sendo constantemente discutidas e reinterpretadas.

²⁴ “Dos cerca de 500 membros, restaram menos de 100, aceitando os benefícios e imposições da diretoria...” (CÉSAR, 1981 p.101)

²⁵ “Quem saiu dos Gaviões para formar a Camisa 12 foram exatamente os ‘maloqueiros’ da época. Os torcedores mais fanáticos, mas ao mesmo tempo, os de menor nível cultural e intelectual, além de pertencerem às camadas de renda inferiores dos fundadores da Gaviões.” (CÉSAR, 1981 apud CANALE, 2017, p. 11)

O futebol-espetáculo

O episódio das eleições de 1971, além de traçar as bases fundamentais de ação política e do discurso ideológico dos Gaviões da Fiel, serve de elemento importante para a discussão a respeito do fenômeno do *futebol-espetáculo*, uma vez que está nele inserido. Para além do cenário corinthiano, cabe entender a qual futebol os Gaviões da Fiel se opunham e declaravam sua independência.

Segundo a cronologia do futebol proposta por Luz, Pugliesi, Cavalcanti e Lise (2015), a partir de 1970, com o início das transmissões esportivas em televisores a cores, tem-se início a fase chamada de *futebol-espetáculo*, ancorada no conceito sustentado por Hollanda, Reis e Florenzano²⁶. Situado no contexto do Milagre Econômico, vivido a partir de 1969 no período Médici, possibilitou um nível ainda maior de popularização e massificação do futebol, que vivia um verdadeiro período de ascensão econômica (LUZ; *et al*, 2015, p. 41). Nesse cenário, o torcedor abandona de vez sua característica uma vez passiva de mero espectador, e assume de fato uma postura presente e de cobrança maior dos clubes.

Segundo Hollanda (2008), a experiência econômica vivida a partir dos anos 70 possibilitou a concepção de uma infraestrutura de estádios agenciados pelo governo federal, cobertura midiática, novas formas inovadoras de aquisição de lucros nos jogos, como o patrocínio e a loteria esportiva nacional. Esse cenário fez emergir o fenômeno conhecido por *futebol-espetáculo*, que atingiria seu ápice nos anos 90, mas que estabelecia seus fundamentos já na década de 70 através da estrutura de poder dos *cartolas*, denunciada pelas emergentes T.Os. A partir da intervenção acentuada do dinheiro, o futebol influenciou diretamente na disputa entre as *formas de torcer* concebidas naquele momento específico, principalmente por conta do público crescente. O conflito de interesses cada vez mais gritante entre os grandes agentes do futebol²⁷ e as torcidas que passaram a se organizar de acordo com esta nova maneira de torcer marcaram as décadas de 70, 80 e 90.

Nesse sentido, faz-se necessário pontuar o importante papel da mídia na correlação entre os atores do futebol profissional. De acordo com Costa (2007), o *futebol-espetáculo* seria um produto da mídia, “feito por ela e para ela, espetacularizado e maximizado em sua capacidade de atrair atenções e agrupar pessoas em torno de outras identidades e, talvez, novas identidades”. Mais do que isso, teria sido determinante inclusive para o alastramento

²⁶ Sobre a temática do *futebol-espetáculo*, notam-se as obras: *Espectáculo futebolístico e violência: uma complexa relação* (FLORENZANO, 2005); *Futebol: espetáculo do século* (REIS 1999) e *Espectáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil* (HOLLANDA, 2016).

²⁷ Neste momento, nota-se não somente as diretorias dos clubes, mas também as instituições vigentes como a Federação Brasileira de Futebol (FBF), a Federação Brasileira de Esportes (FBE) e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

das significações surgidas a partir do uso do esporte como elemento da política - a exemplo do papel da Copa do Mundo de 1970²⁸ no contexto da Ditadura Militar (COSTA, 2007, p. 2). A partir disso, cabe ressaltar o conflito que se daria, a partir da década de 70 em diante, entre a mídia e as torcidas organizadas, circunstância que gerou a produção de discursos de ambas as partes - material que constitui fonte primária do presente trabalho.

Ainda a respeito da conformação de novas *formas de torcer* diante do fenômeno do *futebol-espetáculo*, é importante pontuar uma contradição que permeia o debate. Segundo Palhares (2012), na mesma medida em que a mídia prejudica a imagem das torcidas, também a enaltece, estabelecendo uma posição ambígua e contraditória. Isso, principalmente porque, como aponta Pimenta (2000), o torcedor organizado seria parte fundamental do espetáculo esportivo.²⁹ O discurso produzido pelas torcidas organizadas, - veiculados das mais diferentes formas, entre elas, o jornal *O Gavião* -, constitui fonte relevante para o estudo da temática do *futebol-espetáculo*, uma vez que também parte-se da concepção do futebol enquanto “lugar da emergência de identidades e antagonismos coletivos” (TOLEDO, 1996, p. 158)

O movimento de torcidas organizadas: uma nova forma de fazer política

Os anos 70 marcaram um período de grandes movimentações para a totalidade do cenário brasileiro, que observava as crescentes manifestações populares a favor da democratização da sociedade brasileira. No futebol não foi diferente. Para Toledo (1996), cabe situar este movimento no contexto de valorização das instituições populares, numa circunstância em que os direitos políticos e a cidadania estavam cercados pelo regime militar. O aumento acelerado de T.Os na década de 70 apontava para caminhos de maior participação dos adeptos nas decisões sobre o esporte (CANALE, 2020, p. 26). Segundo Florenzano (2015), as ações de contestação da ordem instituída se multiplicavam na esfera esportiva, transcendendo os limites dos estádios de futebol (FLORENZANO in HOLLANDA; NEGREIROS, 2015, p. 95).

Embora sua fundação não estivesse necessariamente atrelada ao panorama político da época, mas sim ao cotidiano de cada clube (CANALE, 2017, p. 13), a existência das torcidas se deu em meio a discursos de ruptura no seio de um movimento em contínuo intercâmbio com o contexto econômico, político, cultural. De acordo com Negreiros (2010), a própria reocupação do espaço público, mesmo que não estivesse ligada a uma pauta política de

²⁸ “O futebol-espetáculo está no centro do processo de significação e pertencimento a um determinado lugar, a uma determinada nação, que em época de Copa do Mundo é posto pelos meios de comunicação de massa como uma metáfora, a fim de forjar uma entidade nacional suprema: a de torcedor” (COSTA, 2007 p. 3)

²⁹ O “torcedor”, no modelo “organizado”, não é mais um mero espectador do “jogo”. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo. (PIMENTA, 2000, p. 125)

confronto à ditadura militar, é considerada uma grande virtude do movimento de torcedores, uma vez que abre precedentes aos movimentos que ocupariam as ruas da capital paulista nos anos seguintes³⁰. Assim, pode-se dizer que, a partir da maior difusão do futebol entre as diversas camadas sociais, o esporte torna-se, de fato, um campo de disputa entre diversos agentes (CANALE, 2020, p. 17), tornando a própria existência dos Gaviões da Fiel e sua ideologia um fato político de grande relevância para o momento.

A despeito de suas especificidades, pode-se dizer que o movimento de T.Os como um todo foi marcado por uma certa noção de *juventude*³¹ que, segundo Canale (2020), fazia com que a torcida atrelasse à contracultura, o voluntarismo, a vontade de transformação e o sentido de aventura como características centrais de sua atuação (CANALE, 2020 p. 126). Mais do que isso, havia uma crescente vontade política de participação desse setor cada vez mais popular da sociedade, que ultrapassava a mera vontade torcedora e almejava mudar um futebol conservador e clientelista, “que nada estranhamente se parecia muito com um país chamado Brasil” (CANALE, 2017, p. 14).

Para tanto, as torcidas organizadas surgem não apenas como uma nova *forma de torcer*, mas também como uma nova forma de atuação política, que haveria de ser, por essência, subversiva à ordem vigente do *futebol-espetáculo*. A despeito das diferentes representações que foram construídas acerca da imagem do torcedor organizado, as agremiações desenvolveram uma prática política capaz de inserir-se enquanto sujeito atuante nesse debate. Como relembra Hollanda (2009):

Representadas como braços armados de dirigentes e cabos eleitorais, movimentos de oposição ao regime ditatorial, gangues juvenis e espaços de desocupados, malandros e pequenos delinquentes, as torcidas organizadas precisaram cavar sua legitimidade e seu espaço no debate político do futebol (HOLLANDA, 2009, p. 26)

Conforme intensificava-se a presença das T.Os no cenário brasileiro, tornava-se necessária a elaboração de uma estrutura organizativa institucional e burocrática cada vez mais robusta³². Na medida em que as práticas das torcidas - dentro e fora do estádio - se afastava cada vez mais do ideal de torcedor passivo e devoto (PIMENTA, 1999. p. 148)³³, a mídia passou a associar paulatinamente uma noção pejorativa. Além dos conflitos internos

³⁰ (Negreiros, 2010 apud CANALE, 2020, p. 145)

³¹ A nomenclatura *jovem* é consequência de uma explosão de movimentos político-sociais, composta em sua maioria por este público, em meados do início da década de 1970 (TEIXEIRA, 2000 apud SANTOS, 2013). Para Pimenta, a sensibilidade política das torcidas organizadas estaria alicerçada e difundida em torno das ideias de *raça, nação, ordem* e, sobretudo, *juventude* (PIMENTA, 1999. p. 150)

³² (PIMENTA, 1977, p. 127); (CANALE, 2020, p. 27)

³³ Para Pimenta (1999), este processo estaria, ainda, imbricado às tentativas e ao processo de distinção social atribuído ao esporte pelos estratos da elite. (PIMENTA, 1999. p. 148)

que surgiam cotidianamente em suas dinâmicas internas, os novos coletivos de torcedores sofriam ataques permanentes do poder público, dos clubes e especialmente da mídia, que esboçava uma imagem difusa dessa nova figura de torcedor (CANALE, 2020, p. 27).

Ainda que assuma uma posição de vanguarda, a postura de autonomia total dos Gaviões não foi reproduzida universalmente nas dinâmicas das demais torcidas organizadas. Para além do Corinthians, a estrutura da maior parte das agremiações fundadas nos anos posteriores permaneceu atrelada ao funcionamento e gestão dos seus respectivos clubes de futebol. Somente ao longo das décadas seguintes, especialmente os anos 90 e 2000, com o aumento exorbitante dos casos de violência entre torcedores, as T.Os passaram por um processo de desassociação dos clubes, seguindo o modelo de funcionamento adotado pelos Gaviões da Fiel desde sua fundação (SANTOS, 2013, p. 17).

Nesse sentido, cabe ressaltar que o princípio de autossuficiência não acarretou em uma ação unilateral por parte da torcida. Considera-se, na verdade, que teria sido a partir da defesa irrestrita da independência da torcida que se deu o desenvolvimento de uma nova forma de fazer política que pressupunha o diálogo, uma vez que o grêmio assumia a responsabilidade de ser porta-voz da torcida. Entende-se, portanto, a década de 70 como momento importante de conformação da ideologia da torcida e de fundamentação das bases de um conjunto de práticas políticas que culminaria, nos anos seguintes, na possibilidade de intervenção real na vida política do país³⁴. Nos anos seguintes, para além das arquibancadas, os Gaviões da Fiel passariam a ser um importante ator político no cenário brasileiro³⁵.

Unidos através de uma noção de comunidade provinda do sentimento de *paixão*³⁶ que tinham em comum, os associados formavam verdadeiros laços familiares conforme se integravam à dinâmica que não mais se resumia às idas ao estádio, mas uma série de atividades que promoviam a convivência para além do futebol. Essa dinâmica de pertencimento também se dava de maneira subjetiva, uma vez que cada torcida construiu sua identidade própria, garantindo ao associado uma nova dimensão de pertencimento. Se antes era *torcedor*, agora se tornava *torcedor organizado*, distinção que era feita de maneira diferente em cada uma das organizações. No caso dos Gaviões da Fiel, associar-se era uma

³⁴ Nota-se, a título de exemplo, o evento que marcaria a virada para a década de 80, quando os Gaviões da Fiel estenderam uma faixa com os dizeres: “Anistia ampla, geral e irrestrita” numa partida entre Corinthians e Santos no Morumbi, em 1979.

³⁵ “Atribuir a importância dos Gaviões da Fiel somente à sua atuação como suporte à equipe de futebol corintiana seria diminuir por demais a sua importância social na cidade de São Paulo.” (CANALE, 2017, p. 9)

³⁶ Aqui, o termo *paixão* é entendido como “o modo como os torcedores interpretavam seu pertencimento; uma forma de explicar algo que não tem justificativa além da decisão de ser e fazer de determinada maneira” (CANALE, 2017, p. 27)

maneira de intensificar ainda mais a condição de torcedor, como ilustra o mote divulgado na década de 70 nas páginas do jornal *O Gavião: Seja ainda mais corintiano, seja um gavião* (FIGURA 5).

A maneira como se constrói essa dimensão identitária da torcida é assunto relevante ao presente trabalho, na medida em que envolve a disseminação e reafirmação de valores específicos que sustentaram o conjunto de práticas políticas adotado pela comunidade de associados. Além disso, molda-se a partir de experiências de seus próprios componentes, que se espalham das mais diferentes maneiras - entre elas, o jornal. Ao entrarem em contato com histórias do passado e seus ensinamentos, as novas gerações se apropriam de vivências e práticas contadas, mas também têm em si o potencial para criação de novas histórias, narrativas e ideologias (CANALE, 2020, p. 28). Nesse sentido, as práticas políticas como a criação do jornal *O Gavião* se colocam como norteadoras em sua condição de criadora de história, memória e identidade³⁷, uma vez que atuam ativamente nesse campo.

O JORNAL

Assim como qualquer outro texto utilizado em um estudo histórico, é importante entender que o jornal não nasce para ser usado como fonte, cabendo ao historiador transformá-lo em tal a partir de um suporte metodológico. Parte-se, portanto, da concepção de que todo documento é monumento, tornando-se essencial que ao historicizá-lo, se leve em consideração o campo da subjetividade e da intencionalidade ao tratá-lo como fonte. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 254). Mais do que um reflexo da realidade que a produz, é também “prática constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais.” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258).

Destaca-se, portanto, a imprensa como objeto de pesquisa de grande relevância no campo da História Social quando propõe a discussão a respeito da conformação das identidades e modos de viver (e, nesse caso, de *torcer*). Considerada força ativa da vida moderna que atua na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.257), a imprensa constitui um espaço privilegiado de articulação de projetos de diferentes forças sociais, tendo diferentes agentes envolvidos em sua produção. No que diz respeito ao cenário do futebol, circunscrito no recorte temático da presente pesquisa, destaca-se novamente o processo de *espetacularização* vivido a partir dos

³⁷ “Contudo, tanto organizações de pequeno porte como as grandes torcidas constroem sua identidade num sensível contar de histórias, memórias e desejos partilhados por uma coletividade que une o passado ao presente, assume a mitologia de seus clubes e se torna parte dela.” (CANALE 2020, p.28)

anos 70, no qual a grande mídia teria assumido um papel de extrema relevância nas disputas pelas significações das *formas de torcer*.³⁸

Nesse sentido, propõe-se aqui a análise não de um grande veículo da imprensa esportiva, mas do jornal oficial dos Gaviões da Fiel, lançado em 1977 e distribuído entre os associados e a torcida corinthiana. No contexto de disputa midiática das formas de torcer, considera-se o jornal *O Gavião* um importante instrumento político de auto-representação, uma vez que utiliza-se do potencial da produção de um jornal independente na produção de um discurso sobre si, dado que esta forma de comunicação seria também capaz de desenvolver uma compreensão da temporalidade, propor diagnósticos do presente e afirmar memórias de sujeitos e projetos, articulando as relações entre passado e presente às perspectivas de futuro (CRUZ; PEIXOTO. 2007, p. 259).

Assim, o objetivo da presente pesquisa é também discutir como a publicação do jornal *O Gavião* se constitui como força histórica ativa naquele momento, ou seja, como se transforma em *sujeito*, ao se colocar em relação à correlação de forças do campo do futebol paulista na década de 70. Além do estudo de sua origem e estrutura, propõe-se uma análise mais detalhada do projeto editorial do periódico - construtor de uma perspectiva histórica -, através do trabalho com as fontes primárias, remetendo ao diálogo constante das publicações com o seu universo social. Dessa forma, atenta-se para as articulações entre passado, presente e futuro que embasam as escolhas na construção do discurso dos Gaviões da Fiel diante da realidade dos anos 70, inclusive no campo do resgate da memória e da preservação de uma tradição.

As origens do jornal

A imprensa esportiva viveu nos anos 70 e 80 um momento de grande visibilidade por conta da popularização do futebol, mas também em decorrência dos avanços tecnológicos e a difusão dos meios de comunicação (AZEVEDO, 2019. p. 74). Nesse contexto, jornais como o *Lance!*, *Placar* e a *Gazeta Esportiva* ganhavam grande público, além da presença cada vez maior de notícias que envolviam os atores do espetáculo do futebol nas manchetes de grandes publicações como a *Folha de São Paulo* e o *Estadão*. Trabalhos como o de Camilo Aguilera Toro (2004)³⁹, produzidos a partir da análise do periódico como fonte primária, revelam o

³⁸ “Pensar a imprensa com esta perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas.” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257)

³⁹ “O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)” (Campinas, 2004)

papel da imprensa na formação de um público do futebol específico, atribuindo a ele representações e significados - nem sempre positivos.

Como já antes mencionado, o movimento de criação e disseminação das torcidas organizadas a partir do final dos anos 60 gerou um conflito⁴⁰ cada vez maior com o ideal de torcedor que se esboçava na mídia, uma verdadeira “disputa simbólica pelo significado de torcer” que se aprofundaria nas décadas seguintes (HOLLANDA, 2009, p. 6). Segundo Toro (2004), se por um lado a nova *forma de torcer* das torcidas organizadas reforçava intensamente valores presentes na visão defendida pela mídia, como o compromisso e a paixão, por outro, passou a corresponder paulatinamente àquilo que sempre havia condenado: a violência.

É evidente que os Gaviões da Fiel - e diversas outras T.Os - resistiram a essa pressão de culpabilização unilateral pelo aumento dos casos de violência - aspecto observado não só no futebol, mas em todas as outras esferas da sociedade. O movimento contrário, de reafirmação da integridade das torcidas e de denúncia dos demais elementos na estrutura social que deveriam ser responsabilizados pelo aumento da violência, engajou as agremiações a adotarem diferentes práticas políticas dentro e fora dos estádios para defender sua imagem. Uma vez que a mídia tomava grande parte no conflito, fazia-se necessário criar um mecanismo de auto-afirmação que atuasse na mesma área dos demais periódicos, além de servir como instrumento de comunicação interna com os associados do grêmio.

Dentre seus vários objetivos e funcionalidades do novo projeto do jornal, ressalta-se a possibilidade de difundir informações e ideais para um público mais amplo, aumentando sua possibilidade de ação frente à aos veículos de opinião pública, confrontando estereótipos e críticas ao novo modo de torcer (AZEVEDO, 2015, p. 87). Mais do que isso, contribuía para manter a coesão dos associados, uma vez que reproduzia entre sua comunidade de sócios as práticas e valores que eram adequados à ideologia da torcida organizada, tornando-se importante ferramenta de organização e auto-representação (TORO, 2004, p. 106).

Dessa forma, buscava-se também construir uma nova visão, um novo ideal de torcedor. Nesse sentido, destaca-se o uso da palavra *Gavião* como sinônimo de um verdadeiro corinthiano, em uma tentativa de estender as práticas da torcida organizada - as quais o grêmio influenciava diretamente - à torcida do Corinthians como um todo (CAMPOS, 2011, p. 39). Não à toa, a data de lançamento do jornal coincide com a fundação da sede oficial onde passou a ser distribuído, marcando não somente o crescimento e popularização da

⁴⁰ “A associação do esporte com a mídia cria uma zona de intersecção entre o público e o privado: o meu e o seu se confundem com o nosso, sem que disso resulte um conflito” (COSTA, 2007, p. 3)

torcida, mas também o desenvolvimento equivalente de uma estrutura capaz de acompanhar esse crescimento de maneira controlada e coesa.

Ressalta-se a intenção da entidade em utilizar-se do jornal como mais um dos instrumentos de cobrança da diretoria do clube, seguindo sua tradição de fiscalização e denúncia ativa (AZEVEDO, 2015, p. 89). Nesse sentido, além de utilizar-se do jornal para desenvolver novas práticas políticas, este era também um meio de comunicação dessas ações, além de ser um veículo importante de registro das manifestações encabeçadas pelos Gaviões ao longo dos anos. Nesse sentido, constitui-se enquanto fonte privilegiada de informações sobre a atuação política da torcida nesse período, cumprindo o objetivo da presente pesquisa em concentrar o enfoque na análise do discurso oficial do grêmio. Nesse sentido, propõe-se a análise do conjunto de práticas políticas desenvolvido pelos Gaviões da Fiel através das análises de três edições (n.2, n.3 e n.4) do jornal *O Gavião* publicadas em 1977, ano de seu lançamento. Pretende-se, portanto, estudar a estrutura, linguagem e temática dos textos no intuito de situar o jornal no contexto político da década de 70, também enquanto instrumento político, meio pela atuação no debate a respeito das *formas de torcer*.

Vale notar que as primeiras edições do jornal foram lançadas como “edições especiais” (FIGURA 1; 2) em comemoração ao fim do jejum de títulos do clube alvinegro. Depois de quase 23 anos sem conquistas, a torcida do Corinthians lotou o Morumbi em outubro para festejar a vitória no Campeonato Paulista de 1977. No final do mesmo mês, já circulava a segunda edição com a manchete na capa: *Finalmente. CORINTHIANS. Queiram ou não queiram*⁴¹. O jornal era também, uma das várias formas de registrar o grande feito e comemorar o fim de um duro período que havia marcado toda a existência dos Gaviões até então.

No que diz respeito à circulação do jornal, embora tivesse em seu cabeçalho os dizeres “*Circulação dirigida*” (FIGURA 1;2), era distribuído de graça na sede do Bom Retiro e, posteriormente, em jogos e diversos outros pontos de encontro da torcida (FIGURA 3), à qualquer um que se interessasse (LOPES, 2013, p. 142). Com uma tiragem inicial de 20.000 exemplares⁴² - que em poucas edições alcançou 100 mil (LOPES, 2018, p. 142) -, número significativamente maior que a quantidade de associados, tornou-se rapidamente um meio significativo de rebater críticas e lutar por melhorias para o torcedor, não só organizado (AZEVEDO, 2017, p. 47). Além da verba arrecadada entre os associados do grêmio, o jornal

⁴¹ Jornal *O Gavião* ed. n.2. Outubro de 1977 (Acervo Tia Geni)

⁴² De acordo com depoimento de Tadeu Piva, ex-presidente dos Gaviões da Fiel, idealizador e diretor do jornal *O Gavião*. (Material cedido pelo Acervo Tia Geni).

tinha a colaboração voluntária de várias pessoas, inclusive de uma série de jornalistas renomados que se identificaram com a proposta de defesa do “autêntico corinthianismo”⁴³.

Painel dos Gaviões: a transmissão de regras e valores no jornal

As primeiras edições do jornal *O Gavião*, publicadas no ano de 1977, já contavam com uma série de textos que variam entre matérias, artigos de opinião, anúncios, avisos e textos literários - como crônicas e poesias. A maior parte tem um objetivo de fácil identificação, uma vez que apresenta de maneira clara e em linguagem simples suas ideias e geralmente busca passar um ideal explícito, defender uma opinião ou anunciar e engajar alguma ação específica. As temáticas variam e por vezes extrapolam o futebol, tratando muito frequentemente do carnaval de rua, o qual seus associados já participavam desde 1971. Nota-se que, principalmente nas primeiras edições, a maioria dos textos não têm autoria explícita, ou seja, funcionam quase como editoriais, que revelam a opinião oficial da agremiação a respeito de uma série de assuntos. Quando não, trata-se de avisos práticos da diretoria dos Gaviões da Fiel a respeito das atividades do grêmio. Nesse sentido, vale notar a existência de uma seção específica nas edições n.2 e n.3⁴⁴ - intitulada *Painel dos Gaviões*, na qual a diretoria sistematiza e comunica uma série de normas e princípios fundamentais ao funcionamento da torcida, além de divulgar informações sobre os demais eventos.

Funcionando como uma espécie de manual de regras, o texto é organizado em itens, com instruções e avisos gerais aos associados. Logo no primeiro ponto, são lembradas algumas práticas básicas da torcida, entre elas: a) necessidade de estar associado para usar a camisa oficial dos Gaviões da Fiel; b) necessidade de pagamento da primeira mensalidade antes de comprar a camiseta oficial; c) necessidade de comparecer a uma reunião específica de novos sócios para poder comprar a camiseta.⁴⁵ É importante ressaltar que essa dinâmica de funcionamento, à época, destoava como uma prática típica dos Gaviões da Fiel, mantida, inclusive, até os dias de hoje. Embora fosse reflexo prático da preocupação da diretoria também em manter a coesão da ação dos associados, principalmente àquelas que levariam o nome e a imagem da agremiação num momento de crescentes ataques às T.Os, as regras eram justificadas como uma simples forma de introdução à integração (o que também não

⁴³ Depoimento de Tadeu Piva (Material cedido pelo acervo Tia Geni).

⁴⁴ Na edição 2, o painel dos gaviões ia somente até o ponto 6. Na edição 3 ele expande até o ponto 11, mantendo os primeiros seis praticamente iguais.

⁴⁵ Jornal *O Gavião*, ed. n. 3 - Novembro de 1977 (Acervo Tia Geni)

deixavam de ser): “*A reunião é o começo da integração do elemento a uma agremiação que possui muita gente e portanto se torna necessária a aproximação humana*”⁴⁶.

Além de lembrar as regras básicas para associação no grêmio, são dados alguns avisos sobre funcionamento da sede, pagamento de mensalidades e outros procedimentos.

Entre os avisos, estão dois pontos sobre o jornal que se destacam:

6 - Quem quiser os números atrasados do nosso jornal (...) é só comparecer na nossa sede do Bom Retiro ou pedir pelo correio que serão enviados inteiramente grátis, pois nosso jornal não visa o lucro, visa, isto sim, bem informar aos corinthianos.

(...)

11 - Gavião, este é o seu jornal, participe mandando sua crônica, carta ou ideia qualquer. (Jornal *O Gavião*, ed. n.3 - Novembro de 1977)

A partir da leitura do *Painel dos Gaviões*, fica clara uma das intenções do periódico recém fundado: “bem informar os corinthianos”. Percebe-se que não somente comunica-se para além dos associados dos Gaviões da Fiel, como garante informá-los da melhor maneira. Essa comparação estaria diretamente relacionada ao pólo oposto, a grande mídia, que teria o papel de mal informar seus leitores, principalmente nos assuntos que diziam respeito ao futebol e às torcidas organizadas. Além disso, percebe-se a intenção comunitária e solidária de servir à torcida de maneira inteiramente grátis, deixando claro que o lucro não faria parte dos objetivos do jornal. Nesse sentido, opõe-se novamente àqueles que visam sempre os seus próprios interesses financeiros em detrimento da torcida.

Além disso, é importante notar a convocatória que chama os leitores a participarem do jornal no ponto número 11. Revela-se outra intenção da agremiação ao lançar seu jornal, a interação e comunicação direta com seu público: os associados e a torcida do Corinthians. Mais do que isso, observa-se a reafirmação de uma ideia de pertencimento: “*este é o seu jornal*”⁴⁷, estreitando os laços de comunidade e identidade gerados a partir da dinâmica da torcida organizada. Além do item listado no *Painel*, observa-se que todas as edições analisadas contam com um mesmo quadrante que se repete, com os dizeres: *Gavião, colabore com o seu jornal* (FIGURA 4), incentivando mais ainda a participação ativa de seu público.

De corinthiano para corinthiano: as contribuições dos leitores e fortalecimento do senso de comunidade

Como resposta aos convites de participação feito pela diretoria ao público do jornal, nas edições n.3 e n.4 há uma seção intitulada *De corinthiano para corinthiano*, nas quais os leitores do jornal enviavam mensagens sobre os mais diversos temas, compondo uma espécie

⁴⁶ Jornal *O Gavião*, ed. n.3 - Novembro de 1977 (Acervo Tia Geni)

⁴⁷ Jornal *O Gavião*, ed. n.3 - Novembro de 1977 (Acervo Tia Geni)

de fórum de comentários. Nota-se que já na terceira edição, há um canal de comunicação de via de mão dupla estabelecido pelo jornal, que não só tinha voz ativa na elaboração de seus textos e matérias, mas que fazia questão de manter-se aberto à participação dos leitores, que deveriam fazer parte de uma comunidade ativa na construção do periódico. A partir das leituras das mensagens da seção, é possível perceber desde as primeiras edições a boa recepção pela comunidade e a clareza que se tinha dos objetivos anunciados pelo próprio jornal, à exemplo do depoimento a seguir:

Ilmo. Sr. Diretor Responsável pelo Jornal <O Gavião>,

Foi com muito orgulho que recebi e passei a ler o primeiro número desse jornal, que já considero vitorioso, pois estou convicto que este órgão informativo não mede esforços para divulgar os fatos com toda a honestidade e seriedade possíveis, não se enquadrando em esquemas que deturpam informações quase sempre em prejuízo do nosso CORINTHIANS. (Jornal *O Gavião*, ed. n. 4 - Dezembro de 1977)

Fora a seção específica aqui mencionada, em todas as edições analisadas é possível perceber demais contribuições feitas pelos associados, além de incentivos feitos pelos próprios editores para que os leitores seguissem participando. Entre as demais contribuições do público, há uma que chama atenção: os anúncios. Diferente do que se espera de um jornal convencional, não tratam-se de propagandas de patrocinadores ou apoiadores financeiros aleatórios, pelo contrário⁴⁸. A maior parte dos serviços oferecidos parece advir da própria comunidade de associados dos Gaviões da Fiel. Observa-se que há uma espécie de padrão no marketing dos anúncios do jornal, que oferece descontos, facilidades e até serviços gratuitos aos associados e aos torcedores corinthianos no geral. Nota-se um senso de comunidade forte que fortalece os empreendimentos dos leitores do jornal e simpatizantes do clube. Nota-se, a título de exemplo, o seguinte anúncio:

O associado João do Campo Ribeiro manda avisar aos associados que estiverem quites com a tesouraria que fará em seus respectivos autos regulagem eletrônica de motores e check-up no som inteiramente grátis, essa moleza é lá no supermercado Carrefour, box nissei, Av. Nações Unidas, 4003, Brooklin. (Jornal *O Gavião*, ed. n. 3 - Novembro de 1977)

Corinthians com H: tradição, memória e identidade

A preservação de uma chamada *tradição* corinthiana e de toda a história do clube era um dos objetivos claramente assumidos pelos Gaviões da Fiel e, conseqüentemente, reproduzidos nas ações do jornal. Em meio à disputa que se firmava entre as *formas de*

⁴⁸ Segundo depoimento de Tadeu Piva (Acervo Tia Geni), esses anúncios eram a principal forma de sustentação financeira do jornal pois tratava-se de um serviço pago.

torcer, tornava-se cada vez mais relevante a conformação de um jeito específico fazê-lo, pensado a partir das experiências das próprias T.Os. Nesse sentido, os Gaviões despontaram como força atuante na disputa pelo verdadeiro sentido de *torcer*, especialmente no cenário corinthiano. No campo do resgate da memória, assumidamente tomado como prioridade para a entidade, percebem-se os traços específicos que se exaltam e se lembram da história do *corinthianismo*, reforçando especialmente sua origem popular e sua devoção aguerrida.

Em sua forte dimensão simbólica, nota-se a campanha de longa duração, que aparece em duas das edições analisadas, a respeito da grafia correta para o nome do clube: *Corinthians com H*. O time estaria sendo desrespeitado diante de um movimento criado pela mídia de de “aportuguesamento” do nome do clube. Os dois textos⁴⁹ condenam os jornais e veículos da mídia que não respeitavam a forma correta de escrever seu nome e portanto, estariam desrespeitando a sua tradição, a qual os Gaviões da Fiel seriam os verdadeiros guardiões.⁵⁰ Como resposta, incentivava seus leitores a realizarem um boicote, numa ação política orientada para preservação de sua identidade e tradição: “*Portanto, leitores, nossos sócios dos Gaviões e Corinthians em geral, não comprem jornais que, pelo menos, não respeitam o nosso nome. Só respeitam o deles.*”⁵¹. Além da crítica objetiva que era feita à imprensa, o discurso do jornal dava conta de engajar seu público na ação política através da ideia de que aqueles que realizassem o boicote seriam os verdadeiros corinthianos, os corinthianos “com h”.

Fazemos aqui um apelo ao jornal <CORAÇÃO>, corinthiano como nós. Ou ele respeita nossa tradição ou, embora reconhecamos o seu valor, será colocado na lista dos que não devem ser lidos por corinthianos <com h>. (Jornal *O Gavião*, ed. n.3 - Novembro 1977)

Ainda no que diz respeito à perspectiva histórica delineada pelo projeto editorial do jornal *O Gavião*, a relação temporal que se estabelece entre passado e presente revela-se no discurso construído acerca da preservação dessa tradição, narrada em tom emocional (CAMPOS, 2011, p. 39). Nesse sentido, o discurso dos Gaviões da Fiel construído acerca da história do clube e de sua torcida envolvia uma responsabilidade em dar continuidade à um traço relativo ao passado, chamado em seu próprio discurso de *tradição*. Esse conjunto de características reafirmadas nos textos dos editoriais faz parte da concepção de uma identidade e da definição da *forma de torcer* que parecia adequada aos torcedores organizados, mais

⁴⁹ (“*Corinthians sem H*” - ed. n.2 - Outubro 1977; “*Corinthians com H*” - ed. n. 3 - Novembro 1977)

⁵⁰ “*É um princípio constitucional: todos são iguais perante a lei. Mas assim também não pensa o <JORNAL DA TARDE>, cujo diretor da redação é o senhor Ruy (com <<Y>>, letra que nem existe no nosso alfabeto) Mesquita. É muito menos pensa <O ESTADO DE SÃO PAULO>. para eles sem nenhum sentido de os ofender tradição é só pra certas estirpes*” Jornal *O Gavião*, ed. n.2 - Outubro 1977 (Acervo Tia Geni)

⁵¹ Jornal *O Gavião*, ed. n.2 - Outubro 1977 (Acervo Tia Geni)

especificamente, aos Gaviões. Para tratar desse aspecto, parte-se da concepção teórica apresentada por Hobsbawm (1997) no que diz respeito à invenção das tradições:

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (Hobsbawm, 1997, p. 10)

Assim, entende-se que a construção do discurso de preservação da tradição corinthiana defendido pelos Gaviões da Fiel em seu principal veículo de comunicação e auto representação, estava situado na dinâmica de disputa entre a conformação de uma nova *forma de torcer*, e de uma nova imagem de torcedor: o torcedor organizado. Considera-se aqui, portanto, a narrativa do jornal *O Gavião* na ótica de uma tradição inventada, na medida em que perpassa a “invenção de sinais de associação a uma agremiação que continham toda uma carga simbólica e emocional” (HOBSBAWM, 1997, p. 20) e que cumpriam os propósitos da diretoria da agremiação no sentido da manutenção da coesão social, a admissão de uma comunidade real, a legitimação da instituição, a imposição de um sistema de valores e padrões de comportamento, e, essencialmente, a identificação com uma *comunidade*. (HOBSBAWM, 1997, p. 18).

Ainda no esteio da discussão da tradição inventada, cabe pontuar que tanto o resgate de memória proposto pelos textos narrativos presentes no jornal, quanto a defesa de um discurso ideológico fundamental à identidade da torcida serve à função social de um grupo específico - nesse caso, os Gaviões da Fiel. Dessa forma, cabe pontuar de maneira coerente a existência de discordâncias entre a prática e o discurso da torcida, especialmente na década de 70. Ainda que tenha se preservado essencialmente o caráter auto suficiente da agremiação, é importante que não se produza um apagamento histórico das circunstâncias que levaram por vezes a mesma entidade a abandonar a posição de oposição e se aproximar dos órgãos atuantes do futebol paulista. No caso da diretoria do clube, cabe pontuar a aproximação que viveram os Gaviões com a gestão de Vicente Matheus durante os anos 70, a qual entraria em conflito novamente no início dos anos 80. Cabe, portanto, situar na discussão do presente trabalho os dois campos em que se dispõe a análise histórica: o discurso e a atuação na realidade, de forma alguma vinculados em uma relação de causa e consequência, mas sempre passíveis de contradições.

Um texto da edição n.2 do jornal ilustra esse debate já em seu título, *1910: começa a garra corinthiana* no qual narra a origem do clube fundamentalmente amparada pelo ideal

corinthiano que abre o texto: "*Resistir e sobreviver a desgraças, crises e derrotas.*". O artigo resgata a memória do clube, os primeiros ídolos e títulos conquistados, momentos dramáticos da sua história, ressaltando sempre a presença e o apoio incondicional da torcida. De pronto, remonta a origem proletária do clube frente a um cenário em que o futebol estaria restrito à elite. Nota-se, então, o elemento central de distinção escolhido para caracterizar o Corinthians: "*Foi o único dos grandes clubes de futebol da Capital que nasceu na várzea*". Define o público do clube como o "*operariado do Bom Retiro, que aos poucos habituava-se a assistir jogos na várzea como rotineira obrigação de todos os domingos.*" O artigo retoma a permanente crise política e financeira vivida nos primeiros anos, fazendo um claro paralelo ao cenário que se vivia em 1977. Honrando sua já renomada "*garra corinthiana*", relata que em 1916 "*o povo então, com as próprias mãos construíram o primeiro estádio do Corinthians, num terreno na rua Itaboraba.*"⁵²

"Tinha mil motivos para não existir e fez deles o seu motivo de vida, atravessando décadas, ganhando e perdendo, transformando-se num movimento popular" (Jornal *O Gavião*, ed. n.2 - Outubro 1977)

Para além da origem do clube, observa-se que o resgate do passado também passa pela história da torcida, presente como um elemento de reforço de todas as características que os Gaviões da Fiel atribuíam à sua comunidade e a sua identidade. Como uma espécie de argumento base, é frequente que os textos começassem com uma "*volta ao passado*"⁵³, reafirmando que a característica que é cobrada no presente (o comprometimento, por exemplo), estaria presente nas raízes da torcida - fato provado pela narração de eventos passados. Nesse sentido, o próprio jornal é elaborado de maneira a servir de espaço para contação de histórias, uma vez que esta é prática fundamental da existência e conformação da identidade da T.O.

Contudo, tanto organizações de pequeno porte como as grandes torcidas constroem sua identidade num sensível contar de histórias, memórias e desejos partilhados por uma coletividade que une o passado ao presente, assume a mitologia de seus clubes e se torna parte dela. valores e ideais torcedores das mais distintas experiências (ANDERSON, 2008; ALABARCES, 2014). in (CANALE 2020)

Críticas e denúncias nos editoriais

Conforme já explanado, percebe-se um esforço notável do jornal *O Gavião* - e da diretoria da entidade, portanto - em produzir um discurso interno coeso e unificador. Através

⁵² Jornal *O Gavião*, ed. n.2 - Outubro 1977 (Acervo Tia Geni)

⁵³ A título de exemplo, nota-se o trecho do editorial de opinião da ed.2 intitulado "Vamos partir para novas conquistas": "*Para melhor compreensão do que pretendemos exprimir, vamos a um pequeno passeio no passado, lembrando um curto período de tempo de 5 anos*". (Jornal *O Gavião*, ed. n.2 - Outubro 1977)

da temática do resgate da memória - tanto do clube, quanto da torcida -, das reiteradas definições de postura esperadas de um torcedor (ou de um Gavião) e da reafirmação de uma ideologia do *torcer*, observa-se, portanto, um movimento de construção de uma identidade, também por meio da ação do jornal. Em um cenário em que os significados de *torcer* e de *torcida* estavam em disputa e em que as T.Os e a opinião pública assumiram lados opostos, deve-se considerar o trabalho de reafirmação de uma identidade também enquanto prática política fundamental nesse contexto, capaz de dar unidade e legitimidade às ações do coletivo que, cada vez mais, se via na mira das críticas da imprensa esportiva.

A construção de uma agremiação com uma identidade forte e uma ideologia consolidada permitiu que os Gaviões da Fiel desenvolvessem uma série de outras práticas políticas ao longo de seus anos de existência, atuando organicamente no cenário político do futebol paulista. Durante os anos 70, a ação política pautada na ação fiscalizadora dos diretores do clube, pilar fundamental da ideologia do grêmio, foi sustentada a partir da reafirmação dos ideais que conformam a sua identidade, sendo a independência o mais fundamental deles (TORO, 2004, p. 106). A existência do jornal como veículo que desse voz às demandas da própria torcida já é, por si só, elemento relevante para a presente análise.

Observa-se que a defesa do preceito da independência se faz presente de forma clara e objetiva no discurso da diretoria aos seus associados. Não trata-se, entretanto, de um processo alienado de desprendimento das entidades oficiais, mas pelo contrário, de um movimento ideológico de desassociação, diretamente ligado ao caráter de subversão dos movimentos sociais que marcaram o período da Ditadura Militar. Como nota Canale (2020), trataria-se de um momento de criação de novos movimentos sociais no país frente ao cenário de crescente ensejo de participação na vida política do país por parte de diversos setores da sociedade. Ainda que tenha sido marcado por uma série de contradições na sua atuação e de um cumprimento relativo do princípio de independência, a defesa dos Gaviões da Fiel por uma prática política livre de submissão às forças oficiais marca um ponto de virada na história das torcidas organizadas.

O maior orgulho do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida é não depender financeiramente de qualquer força política que está instalada dentro ou fora do Parque São Jorge. (...)

Ser independente (não significa que não necessite dos outros, todos necessitam uns dos outros, independência é não subordinar se a caprichos e imposições alheias, contrariando seus princípios) é o resultado do nosso crescimento aliado ao espírito de amizade, sinceridade e autenticidade que sempre está presente no nosso meio, pois se não fosse assim já teríamos traído a nossa filosofia e a única razão de ser de nossa existência, o Sport Club Corinthians Paulista.

(Jornal *O Gavião*, ed. n. 2 - Outubro 1977)

O esporte é pra fazer amigo: o combate à violência nos estádios

No contexto da virada dos anos 70 para os anos 80, a violência era certamente o tema que mais marcava as manchetes dos jornais paulistas quando se dizia respeito ao futebol e, principalmente, às T.Os. A rápida e desenfreada massificação dessas agremiações - especialmente os Gaviões da Fiel - acompanhou o aumento descontrolado de casos de violência que envolviam os torcedores. Embora nos anos 80 tenha-se observado, por parte da imprensa, uma responsabilização direta e unilateral das torcidas organizadas pelos episódios de brigas e conflitos, faz-se necessário contextualizar de maneira mais coerente esse movimento desde a década anterior, recorte temporal do presente trabalho. Afinal, como lembra Pimenta (1997), a violência produzida a partir do futebol não está, de maneira alguma, desarticulada dos aspectos econômico, político, social, cultural, psicológico e antropológico. (PIMENTA, 1997, p. 14)

No momento em que se massificam as torcidas organizadas no Brasil, o país vivia uma busca intensa pelo desenvolvimento econômico totalmente desarticulada e descompromissada com as bases sociais (PIMENTA, 1997, p. 123). No que diz respeito ao cenário do futebol, que ainda funcionava sob as bases clientelistas das autoridades oficiais, o aumento do público também se deu por conta da alta lucratividade das bilheterias. A concentração cada vez maior de torcedores organizados de diversos times nas arquibancadas provocou a criação de uma *tipologia de torcidas* (HOLLANDA, 2009, p. 8), reflexo de padrões culturais distintos, influenciadas por modelos violentos de torcer, como retoma Pimenta (1997):

Em outras palavras, o conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, prevalecendo o interesse do capital e, de alguma forma, esse processo interferiu, inclusive, na identidade social dos jovens que se expressam através da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa entre os grupos rivais. (PIMENTA, 1997, p. 123)

No contra-fluxo, ainda no que tange a construção de um discurso sobre si, nota-se na edição n.3, uma matéria intitulada "*O esporte é pra fazer amigo*" que parte da constatação da crescente violência nesse campo. De pronto, o texto, também escrito em modelo de editorial, indica a posição oposta diante de um movimento por parte da opinião pública em responsabilizar exclusivamente as torcidas organizadas pela violência empregada no contexto do futebol. Além de se tratar de um assunto que deveria ser discutido entre todas as parcelas da sociedade, todos deveriam ser responsáveis por esta pauta. O texto segue com uma nota

importante a respeito da atuação das T.Os, que teriam "*cumprido seu papel*" através de movimentos de confraternização e pacificação dos conflitos.⁵⁴

No que diz respeito ao policiamento, observa-se uma postura relativamente pacífica do grêmio em relação à polícia, ainda que os episódios de crescente violência no futebol tenham sido acompanhados à duras penas por uma repressão policial violenta e desproporcional. Naquele momento, a diretoria dos Gaviões fez questão de ressaltar a contribuição do trabalho da polícia em função da segurança do torcedor e a evolução no tratamento do público. Ademais, destaca a necessidade de constituição de um policiamento especializado para espetáculos esportivos e cívicos. Ironicamente, ilustra a matéria com uma imagem de um policial batendo em torcedores na arquibancada (FIGURA 6), demonstrando que não há uma postura acrítica, mas um posicionamento discursivo estratégico. Em seguida, convoca os dirigentes esportivos a engajarem-se nesse processo também, incentivando seus seguidores no sentido de que "*o esporte foi feito para aproximar e integrar os povos*".⁵⁵

Aborda-se também o papel da imprensa na tratativa da questão da violência no futebol, uma vez que esta possuiria papel preponderante nesse contexto. O texto indica objetivamente como deveria ser cumprido esse papel que, ao invés de simplesmente noticiar os fatos depois que aconteceram, deveria estabelecer, na verdade, uma "*campanha periódica*". Quase numa dinâmica de morde e assopra, o parágrafo termina com uma espécie de elogio que reitera o tom diplomático do texto: "*Assim, estará participando, ainda mais, no sentido de orientar, uma de suas finalidades, prestando melhor a sua já inestimável colaboração*". Em referência ao título, a matéria finaliza com um pedido, para que o chavão "*O esporte faz amigos*" não fosse interpretado como forma de expressão, convocando todos para trabalhar em função da "*aproximação de todos os esportistas*".⁵⁶

Já na edição seguinte, n.4, há uma matéria intitulada "*Na beira do alambrado*", que esclarece um episódio que supostamente teria envolvido os Gaviões. Ao narrar o fato, pontua a importância de receber bem os torcedores que acompanham seus times pelo Brasil, tendo a boa recepção como prática característica. Não identifica, entretanto, os torcedores envolvidos no episódio enquanto Gaviões. O discurso que se observa, entretanto, não é o de simples desobrigação por parte da entidade, pelo contrário. Não nega a possibilidade de que estivessem de fato envolvidos em algum episódio de violência, mas reiteram que isso não faria parte da sua ideologia, quando, na verdade, pregavam a amizade e fraternidade,

⁵⁴ Jornal *O Gavião*, ed. n.3 - Novembro 1997 (Acervo Tia Geni)

⁵⁵ Jornal *O Gavião*, ed. n.3 - Novembro 1997 (Acervo Tia Geni)

⁵⁶ Jornal *O Gavião*, ed. n.3 - Novembro 1997 (Acervo Tia Geni)

inclusive com o torcedor adversário. Ao lembrar a grandeza de sua torcida e, em seu veículo oficial de comunicação reafirmar a desaprovação daquele tipo de conduta, a diretoria dos Gaviões da Fiel reiterava o papel significativo que empenhava no cenário político que debatia a violência no futebol.

”(...) não eram Gaviões. Podia até haver algum gavião por perto, já que Nossa Torcida conta com mais de 5.000 sócios, que podem ser vistos por todo lugar do estádio. (...) Mesmo que estivessem [envolvidos no episódio], este fato isolado jamais poderia refletir a conduta dos GAVIÕES, que emana de sua diretoria, e é acompanhada pelo todo.

Nós estamos sempre pregando a amizade e a fraternidade, segundo a máxima de que o esporte faz amigos, só agindo diferentemente em autodefesa. No caso não foi o que aconteceu. Fazemos questão de esclarecer tal fato, pois tratar bem o torcedor adversário, principalmente de fora, nos GAVIÕES é lei.” (Jornal *O Gavião*, ed. n.3 - Novembro 1997)

Contribuições ao futebol: a criação da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)

Ainda que o objeto de pesquisa do presente trabalho seja, de fato, os Gaviões da Fiel, é importante lembrar que o conflito entre a opinião pública e a realidade da torcida organizada estendeu-se à todas as T.Os do estado, principalmente as que despontavam nos números de associados, bem como os corinthianos. De acordo com Canale (2020), a percepção dos problemas que atrelavam torcedores de diferentes times foi “um fio condutor de relações, e as pautas conjuntas revelam a percepção de uma identidade torcedora que ia além do vínculo clubístico e atrelava parte dos torcedores organizados” (CANALE, 2020, p. 29).

Nesse contexto, o frequente contato entre lideranças dessas entidades, que teriam começado com encontros semanais em bares da cidade para tomar cerveja e discutir os problemas em comum das torcidas, culminou na criação, em 1975, da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). Não à toa, os Gaviões da Fiel, representados na figura de seu sócio-fundador e então presidente Flávio de la Selva⁵⁷, estariam à frente, junto com figuras como Cosme Freitas e Hélio Silva - líderes das torcidas organizadas do Santos e do São Paulo F.C., respectivamente - do processo de articulação da associação.

O desejo dos fundadores da Atoesp era criar um espaço para o estabelecimento de regras comuns a todas as torcidas, dividir harmonicamente os espaços das arquibancadas nos clássicos do Morumbi e do Pacaembu e criar estratégias para diminuir os crescentes enfrentamentos entre torcedores, organizados ou não (CANALE, 2020, p. 184)

⁵⁷ O objetivo de angariar mais participação popular nas decisões do futebol norteou a atuação de Flávio La Selva também na busca pela união entre as várias torcidas organizadas de São Paulo (CANALE, 2020, p.183).

Além da necessidade de institucionalização da aliança entre as torcidas organizadas para garantir credibilidade no encaminhamento das demandas daquele segmento - principalmente frente a Secretaria de Segurança Pública do Estado e a Federação Paulista de Futebol -, a criação da Associação significava a possibilidade de um discurso unificado junto à mídia frente à empreitada de representações construídas pela imprensa esportiva a respeito de todas as T.Os (CANALE, 2020, p.184). Com intenso envolvimento dos Gaviões da Fiel, a ATOESP atuou até meados dos anos 80, dando uma dimensão ainda maior ao discurso afirmativo que era veiculado no jornal *O Gavião* a respeito daquela nova *forma de torcer*.

Nesse sentido, vale ressaltar que na edição n.3 há uma matéria intitulada “*Nossas sugestões apresentadas às autoridades*” que se trata de uma lista de apontamentos elaborada pela Associação de Cronistas Esportivos de São Paulo e republicada pelo jornal. A Associação, no intuito de cooperar com a recém fundada ATOESP, afirmava estar trabalhando “*por um futebol mais compatível com seus objetivos de lazer*” e pedia aos membros do grêmio que veiculassem a lista nos seus meios de comunicação, tendo como finalidade “*contribuir para o fim da violência nos estádios, bem como, na medida do possível, tornar os espetáculos de futebol mais seguros e humanos*”. As propostas apresentadas na lista, em consonância com os acordos realizados pela ATOESP, envolviam a atuação dos dirigentes dos clubes, da Federação Paulista de Futebol e dos órgãos de policiamento. Entre as sugestões listadas, estão apontamentos sobre a divisão dos espaços entre as torcidas nos estádios, cumprimento de normas de segurança, melhorias na infra-estrutura, sinalização e planejamento de rotas para evitar conflitos entre torcedores, aumento das localidades populares...⁵⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se tratar da história dos Gaviões da Fiel, considerada vanguarda do movimento de disseminação das torcidas organizadas no Brasil, a prática política desenvolvida desde sua origem é elemento que ganha destaque. Num cenário de *espetacularização* do futebol, no qual a mídia empenhou papel fundamental, o recém surgido *torcedor organizado* tornou-se o centro das atenções da emergente imprensa esportiva, que, conforme crescia, aumentava seu potencial de conformação de identidades e opiniões.

Diante do crescimento desenfreado do número de torcedores na década de 70, surgiram novas *formas de torcer* que entraram em conflito com as expectativas da opinião pública, ilustradas nos discursos veiculados pela mídia. O surgimento de novas formas de

⁵⁸ Jornal *O Gavião*, ed. n.3 - Novembro 1997 (Acervo Tia Geni)

organização social, dentro e fora do futebol, dialogava com o cenário nacional da Ditadura Civil Militar, que reprimia o anseio cada vez maior de participação política. Nesse cenário, as T.Os, representadas no presente trabalho pelo Grêmio Gaviões da Fiel Torcida, condensaram as demandas de envolvimento dos torcedores em novas práticas políticas desenvolvidas no seio do futebol paulista e que, nas décadas seguintes, iriam alcançar os assuntos referentes à realidade social brasileira e ultrapassar de vez a esfera esportiva.

Uma das expressões de autonomia relevantes no que se refere ao estudo foi a fundação do jornal *O Gavião*, surgido da intenção de veicular um discurso próprio em detrimento de uma narrativa já veiculada pela imprensa. Nesse contexto, a publicação e circulação do jornal permitiu que os Gaviões da Fiel se colocassem de maneira atuante na disputa, essencialmente política, pelo ideal de torcedor. Disputa essa, que na década seguinte, culminaria numa verdadeira guerra entre a grande mídia e as agremiações de torcedores, que seriam objetivamente associados à imagem de marginalidade e violência.

Através da pesquisa documental proposta a partir da análise de três edições do jornal *O Gavião* lançadas em 1977 (n.2, n.3 e n.4) é perceptível a utilização do periódico enquanto ferramenta política que permitiu a conformação dos Gaviões da Fiel enquanto sujeito atuante no cenário político do futebol. A veiculação do jornal fez parte de um movimento de construção de uma comunidade e de constituição de uma identidade para tal, permitindo que a torcida organizada ocupasse um novo espaço no *espetáculo* do futebol, ainda que de forma por vezes conflituosa frente aos demais atores envolvidos.

Tendo o projeto editorial do jornal situado diante de uma devida reconstituição histórica das origens e intencionalidades da fundação do grêmio, percebe-se a continuidade dada à chamada *tradição corinthiana* no discurso da torcida. Desde a intencionalidade na fundação do jornal, até o conteúdo de seus textos, nota-se uma preocupação evidente em produzir um discurso coeso, na medida em que servia como instrumento de disseminação de valores e práticas específicas àquela comunidade, característico do processo de invenção de uma tradição, descrito por Hobsbawm (1997).

Ainda que parte da disputa das *formas de torcer* envolvesse a contradição entre o anseio participativo da torcida e o apassivamento desejado pela opinião pública, as práticas desenvolvidas pelos Gaviões da Fiel caracterizam-se enquanto não convencionais, uma vez que se afastaram da posição assumida pelo torcedor fase anterior do futebol - ainda que sem se aproximar da prática política partidária-eleitoral habitual. O acentuado nível de organização e mobilização política observado a partir da análise das fontes permite a consideração de uma nova perspectiva, na qual a atuação das torcidas organizadas teria

possibilitado a participação de uma parcela da sociedade na vida social e política, ainda que de uma outra forma.

Dessa maneira, reitera-se a constatação de Canale (2020) a respeito da configuração das T.Os em São Paulo enquanto movimento social e político muito atuante, estendendo sua ação para além do campo esportivo (CANALE, 2020, p.30). Segundo Azevedo (2019), o lado político da torcida organizada esteve presente desde sua fundação e teria sido fundamentalmente destacado no jornal *O Gavião*, fosse pelas temáticas abordadas, seja por trechos que remetem à ideologia da entidade (AZEVEDO, 2019, p.87). A defesa das pautas contrárias à elitização do futebol, por exemplo, ganham espaço notável nas publicações da torcida, que cada vez mais utiliza-se desta enquanto ferramenta de disputa de opinião.

O estudo do discurso da mídia independente produzido pelos Gaviões e expresso nas publicações do jornal revelam a importância da auto-representação no contexto de disputa. Nesse sentido, a preservação do caráter independente da torcida permitiu uma forma subversiva de construção da narrativa através das publicações em um jornal próprio, que tensionavam sua imagem de participação política “sem moderação”. Segundo Canale (2020), os Gaviões da Fiel se tornaram, por isso, “uma corrupção dos valores tão caros ao universo torcedor” (CANALE, 2020, p. 36).

Assim, deve-se considerar que através do conjunto de práticas desenvolvidas e reforçadas no discurso veiculado no jornal, os Gaviões da Fiel inauguraram um espaço de negociação para os torcedores na dinâmica interna do Corinthians, revolucionando as possibilidades e os propósitos do torcer (CANALE, 2020, p. 62). Portanto, ainda que sua história, como a das demais torcidas organizadas, não caiba nos moldes político-partidários clássicos (CANALE, 2020, p. 62), a atuação dessas entidades é elemento de extrema relevância para o contexto referido, uma vez que marca o desenvolvimento de novas formas de intervenção da sociedade no campo político, em um primeiro momento restrito ao futebol, mas que em pouco tempo alcançaria outras esferas da sociedade.

ANEXOS⁵⁹

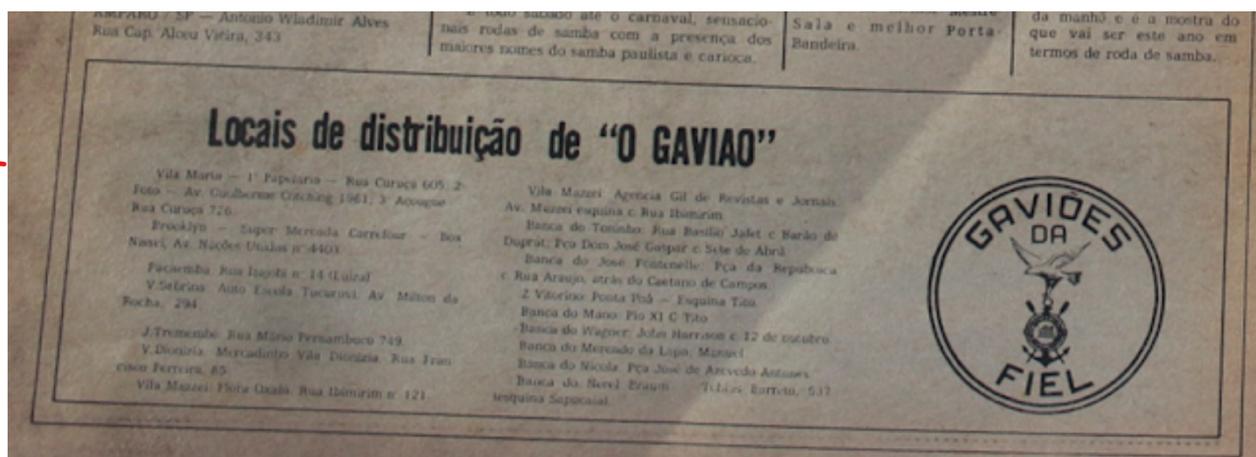
FIGURA 1

Cabeçalho da edição n.2 do jornal *O Gavião*.

FIGURA 2

Cabeçalho da edição n.2 do jornal *O Gavião*.

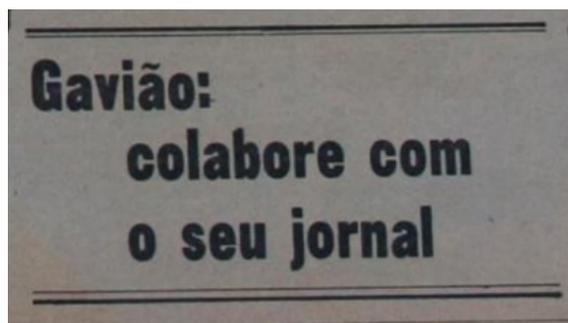
FIGURA 3



Quadro - localizado na parte inferior da segunda página da ed.2 - em que se listam os locais de distribuição do Gavião.

⁵⁹ Fonte: Acervo Tia Geni. ([SISEM-SP](#))

FIGURA 4



Quadrante da edição n.2 com slogan que convoca o leitor a participar do jornal.

FIGURA 5



Pequeno quadrante em uma das páginas da edição n.4 com o mote da torcida e o número de telefone da nova sede.

FIGURA 6



Imagem que ilustra a matéria intitulada *O esporte é pra fazer amigo*, da edição n.3.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Núbia Maria Silva. **A arquibancada é de todos nós: indústria cultural e a luta dos Gaviões contra o futebol moderno**. Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, Fortaleza (CE), v. 10, n. 2, p. 74-90, 2019.
- _____; MARTINS, N. P. M. **Comunicação organizacional e futebol: análise das estratégias comunicativas do Grêmio Gaviões da Fiel**. Cadernos de Comunicação, v. 21, p. 33-54, 2017.
- _____. **Comunicação organizacional e futebol: Análise das estratégias comunicativas do Grêmio Gaviões da Fiel**. 2015. Monografia (Bacharel/Jornalismo) - à Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Mariana, 2015.
- CAMPOS, Hugo Berlinger. **As torcidas de futebol como organizações diversificadas: um estudo de caso sobre a Torcida Organizada Gaviões da Fiel. 2011**. Trabalho de Conclusão de Curso (Administração) - (Universidade Estadual Paulista) UNESP, Jaboticabal, 2011.
- CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores : o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 : uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais., Rio de Janeiro, 2020.
- _____. **Nossa corrente é forte e jamais se quebrará: A fundação dos Gaviões da Fiel - Força Independente em prol do Corinthians**. In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONTRA OS PRECONCEITOS - HISTÓRIA E DEMOCRACIA, 2017, Brasília, Universidade de Brasília (UnB), 2017.
- CÉSAR, Benedito Tadeu. **Os Gaviões da Fiel e a água do capitalismo**. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola (org.). **Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. cap. 8, p. 157-218.
- COSTA, Sergio Roberto Mendonça. **Nação, comunidade imaginada pela mídia?: O futebol-espetáculo e as identidades nacionais**. In: ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, III., 2007, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. 2007.
- COSTA, Márcia Regina da; FLORENZANO, José Paulo; QUINTILHO, Elizabeth; SANTOS, Marco Antônio S.. **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- FLORENZANO, José Paulo. **A Democracia Corinthiana e os Gaviões da Fiel**. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola (org.). **Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. cap. 4, p. 95-112.
- GOMES, Érica; MARTINS, Daniela. **Gaviões da Fiel - 45 anos: A história da maior torcida organizada do país**. São Paulo: Produção independente, 2014.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Torcidas Organizadas de Futebol: entre memória e história**. In: X ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL: TESTEMUNHOS - HISTÓRIA E POLÍTICA, 2010, Recife, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2010.
- _____. **Torcidas Organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação**. Razón y palabra : Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación, Cidade do México, ed. 69, 2009.
- _____. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC, Rio de Janeiro, 2008
- _____; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Espectáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: Desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo**. Esporte e Sociedade: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense (UFF), ano 11, n. 28, 2016.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer – Depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: Educ, 2019.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LUZ, Denise Corrêa da; PUGLIESI, Gisele; CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; LISE, Riqueldi Straub. **Do amadorismo ao futebol-espetáculo: uma reflexão acerca dos clubes de futebol brasileiros.** The Journal of the Latin American Social-Cultural Studies of Sport, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 34-45, 2015.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 27, ed. 4, p. 597-612, Out-Dez 2013.

_____. **Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro.** Revista ALTERJOR: Jornalismo popular e alternativo (ECA-USP), São Paulo, ano 9, v. 2, p. 137-151, Jul-Dez 2018.

MURAD, M. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

NEGREIROS, Plínio. **A cidade excludente e o clube do povo.** Revista de História da USP, São Paulo, n. 163, 2010.

NETO, Edi Alves de Oliveira. **Violência no futebol e torcidas organizadas: Um estudo em representações sociais.** 2013. Monografia (Bacharel (Sociologia) - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2013.

PALHARES, M. F. S.; SCHWARTZ, G. M.; TERUEL, A. P.; SANTIAGO, D. R. P.; TREVISAN, P. R. T. C. . **Lazer, agressividade e violência: considerações sobre o comportamento das torcidas organizadas.** Motriz, Rio Claro, v.18 n.1, p.186-199, jan./mar. 2012

PERINA, Fabio. **Torcidas Organizadas paulistas na virada dos anos 70/80.** Ludopédio, São Paulo, v. 153, n. 20, 2022.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Violência entre torcidas organizadas de futebol.** São Paulo em Perspectiva, v. 14, n. 2, p. 122–128, abr. 2000.

_____. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção de novas relações sociais.** Taubaté: Vogal, 1997.

_____. **Futebol e violência entre “torcidas organizadas”: a busca da identidade através da violência.** São Paulo, 1995.

REIS, H. H. B. **Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação.** In: DAOLIO, J. (Org.) Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005.

SANTOS, Vanessa Conceição Alves dos. **A produção discursiva da identidade social no contexto de uma torcida jovem organizada.** 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de PósGraduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

TEIXEIRA, R. da C. **Torcidas jovens: paixão, amizade, aventura.** In: ALVIM, R. e GOUVEIA, P. Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos. Rio de Janeiro, ContraCapa, 2000.p.103-132.]

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas: Autores Associados, 1996.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004).** 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2004.